

O “TRADE PIDGIN” PORTUGUÊS DURANTE A EXPANSÃO PORTUGUESA NO ORIENTE DO SÉCULO XVI EM DIANTE

MAXIM. P.A.M. KERKHOF
(Universidade Católica-Nimega/Holanda)

Quando os portugueses no século XV descobriram e começaram a colonizar as ilhas Arguim, Cabo Verde e São Tomé, e a costa da Guiné, originou-se ali, nos portos e postos comerciais, uma língua de contacto, a que Marius Valkhoff (1966, 56; 1966, 164) chamou “português baixo”, um português com uma gramática muito reduzida, que seria usado daí em diante, durante a expansão portuguesa no Ocidente e no Oriente como “língua franca”.

Keith Whinnom (1965, 522-527) considerou este veículo comunicativo como a continuação da “língua franca” mediterrânea, ou melhor dito, como a relexificação do “sabir” mediterrâneo¹. Outra tese defendeu-a Anthony Naro (1978, 320-321); segundo ele, a língua de comunicação que utilizaram os portugueses nestes contactos, que chama “reconnaissance language”, foi criada em Portugal e ensinada ali a partir de 1435 a africanos com a finalidade de servirem-se deles depois como intérpretes. Contudo, não parece aceitável que o resultado dum ‘curso intensivo’ de português tivesse sido uma língua tão simplificada como é a das poesias citadas por Naro. Além disso, nas viagens que Cadamosto realizou no período de 1455-1456 ao longo da costa africana, serviu-se de um intérprete que falava bem português (cf. Naro 1978, 317).

Por tanto, parece-me mais provável que os portugueses, para se fazerem entender *nos primeiros contactos* em África com os negros, se dirigissem a eles num português simplificado, ou seja, num “foreigner talk”, com generalização do infinitivo, ou seja, com eliminação das desinências verbais; com indicação dos tempos e modos mediante partículas; com artigos, substantivos e adjetivos

¹ Luis Antonio Santos Domínguez (1986, 227) mostra que muito provavelmente os vocábulos *taybo* [= bom] y *marfuz* [= mau] passaram ao léxico crioulo português “por mediación de la *lingua franca* mediterránea”. Cf. também Morris Goodman (1987, 151): “this pidgin was (to some degree at least) modeled on the Mediterranean *Lingua Franca*”.

invariáveis, e por tanto, com falta de concordância; com justaposição de cláusulas subordinadas, com um sistema pronominal simples, com preferência de formas tónicas (*ami*) às átonas (*eu*), etc. (cf. Hinnenkamp 1984, 157; e Mühlhäusler 1986, 10-12). Compare-se o que o Padre Chevillard (1659) observou a respeito da língua falada pelos negros da Martinica: “... se familiarisent rapidement avec le langage de l’Européen, *langage volontairement corrompu pour faciliter sa compréhension*” (apud d’Ans 1968, 21; o sublinhado é meu). Além disso, as características do “reconnaissance language” mencionadas por Naro, são igualmente válidas para o “foreigner talk”, como Clements (1992) mostrou.

Dado o facto que esse “foreigner talk” (português baixo) começou a ser usado como meio de comunicação entre pessoas com línguas diferentes converteu-se num ‘pidgin’, o chamado “trade pidgin” português (cf. por ex. Dillard 1979, 264; e Stewart 1962, apud De Granda 1970, 74).

É muito provável que o português simplificado em que se expressam os interlocutores branco e negro no *Auto das regateiras* (ca. 1570) de António Ribeiro Chiado seja um reflexo daquele “foreigner talk” *pidginizado*², cujo modelo podia ter sido a “língua franca” mediterrânea (cf. Whinnom 1965, 522-527; e De Granda 1978, 338-349), embora também seja possível que esse português simplificado represente a *fala de preto* que se tinha formado em Portugal entre os negros³.

Para testemunhos da existência do “trade pidgin” português ou de formas acriouladas dele em Africa, vejam-se por exemplo Valkhoff (1966, 57-58), De Granda (1978, 355), Naro (1978, 316), Dillard (1979) e Perl (1990, 125).

Sabe-se através de vários testemunhos que durante a expansão do império português no Oriente nas costas da Índia, Ceilão, Málaca, China, Japão e Java falava-se também uma “língua franca” portuguesa de fácil aquisição, ou seja, um português reduzido ou simplificado, que se manteve durante muito tempo em formas acriouladas, evidentemente com muita influência (sobretudo no

² Segundo Naro, o facto de tratar-se dum meio comunicativo entre brancos e pretos é uma “important proof that the reconnaissance language was actually used as a pidgin in the strict sense” (1978, 321). Para o “foreigner talk” como ‘incipiente pidgin’, veja-se Ferguson (1971, 144, 147-149).

³ Neste último caso tratar-se-ia de um domínio incompleto da língua portuguesa, ou de um processo de aquisição do português (L2) por parte dos negros que parou num nível baixo por causa de factores psíquico-sociais e da insuficiente aculturação dos negros. Compare-se o chamado *Gastarbeiterdeutsch* do trabalhador estrangeiro na Alemanha. E este nível caracteriza-se por uma série de elementos lingüísticos que também são característicos de um pidgin (Wekker, 1989). Giese (1932) considerou a “fala dos negros” em Portugal nos tempos de Gil Vicente como uma variante lingüística do português daquela época.

léxico) das línguas vernáculas. Com o tempo quase todos esses crioulos foram absorvidos pelas línguas daqueles países; contudo, sabe-se que nos fins do século passado existia ainda o malaio-português de Batávia (Schuchardt 1891, 1-23), e hoje em dia falam-se ainda crioulos portugueses em Corlai (uma povoação a uns 200 quilómetros a sul de Bombaim) [Clements 1992], e em Málaca (chamado ‘Papia Kristang’, malaquenho ou malaqueiro) [Hancock 1971, 521-522]. Eis algumas referências à “língua franca”, “patois”, “gíria”, “geringonça” ou “português deturpado”:

- o escocês Alexander Hamilton, bom conhecedor das costas da Índia, observa em 1727: “Along the sea coast the Portuguese have left a vestige of their language, *tho’ much corrupted* yet it is the language that most Europeans learn first, to qualify them for a general converse with another as well as with the different inhabitants of India” (apud Valkhoff 1966, 58);

- em *Church in Madras* (1698) o pastor protestante Frank Penny escreve que a “língua franca dos estabelecimentos europeus da Índia era um *patois* tirado de várias línguas, de que o português formava o alicerce e a armadura” (apud Lopes 1936, 45-46);

- Charles Lockyer observa no *An Account of the Trade in India* (1711) que os portugueses “podem orgulhar-se de terem criado uma espécie de *língua franca* em todos os portos da Índia, muito usada entre os Europeus: sem ela ser-lhes-ia difícil em muitas partes fazerem-se compreender bem” (apud Lopes 1936, 49);

- no resumo que Lopes faz duma notícia acerca dos portugueses da Índia dada pelos missionários dinamarqueses (1733) para nós é interessante a parte que trata das diferentes espécies de língua portuguesa que se falam ali: “Há três espécies de língua portuguesa na Índia: a pura, a meio-deturpada e a completamente deturpada. A primeira é falada principalmente pelos Portugueses da Europa e pelos seus descendentes; a segunda é falada pelos indivíduos de origem mista: os pretos também se servem dela na sua correspondência. Caracteriza-a a sua conjugação incompleta. A terceira é falada geralmente pelos Portugueses de origem mista e sobretudo pelos completamente pretos. Difere da segunda em não ter conjugação. Apenas designa o futuro com a partícula *lo*, o pretérito com a partícula *já*, e o infinitivo não tem *r*. *Lo* é tirado de *logo*, como dizem alguns que a falam [...]. Os nossos missionários pregam a palavra de Deus não só na língua do país -- o tâmul, a que comumente se dá o nome de malabar --, mas também na portuguesa. Aquela é a língua materna dos

indígenas, mas alguns pagãos do país sabem falar regularmente o português *na forma de deturpado...*” (apud Lopes 1936, 54-55);

- segundo Sonnerat, *Voyage aux Indes orientales et à la Chine, fait par ordre du roi, depuis 1774 jusqu'en 1781* (Paris, 1782), falava-se em “todas as feitorias europeias [da Índia] ... uma má *girigonça* introduzida pelos Portugueses, quando se estabeleceram na Índia, a qual ainda está em uso...” (apud Lopes 1936, 60);

- Anquetil du Perron, *Recherches historiques et géographiques sur l'Inde*, tomo II, pp. XII-XIII da *Description historique et géographique de l'Inde* (Berlin, 1787), observa: “... os mercadores hindus, mouros, árabes, persas, parses, judeus e armênios que fazem comércio com as feitorias europeias, assim como os pretos que querem exercer a profissão de intérpretes, são obrigados a falar esta língua [a portuguesa]; ela serve também de meio de comunicação entre as nações europeias estabelecidas na Índia. Mas esta língua está longe de ser o português puro, chamado na Índia o “português reinol”. [...] o português falado não é propriamente mais do que *uma gíria de 150 ou 200 vocábulos, quase sem construção...* Nos nossos estabelecimentos [i.e. dos franceses] os negócios são geralmente tratados com os naturais [do país] e mesmo com os das nações europeias por meio da gíria portuguesa, de que acabo de falar...” (apud Lopes 1936, 60-61);

- na dedicatória do *Woordenschat der twee taalen, Portugeesch en Nederduitsch* [Léxico das duas línguas, Português e Baixo-alemão] (Amsterdam, 1718), Alewijn dá a seguinte caracterização do português falado em Batávia (Java): “gebroke Portugeesche taal, welke met veel Maleitsche, opgeraapte, bastaard, en gebroke Nederduitsche woorden ondermengd is”, portanto, um português corrompido, misturado com muitas palavras malaias e holandesas (apud Teensma 1986, 103).

Franken escreveu em 1953 (116): “The popularity of Bastard-Portuguese as lingua franca in the old domain of trade of the Portuguese in the East during the 17th and 18th centuries does not need any further demonstration”. E segundo Valkhoff, os crioulos mencionados acima, mais os ocidentais com base portuguesa, “had a *basic unity*, and with this speech at his command a sailor or slave could make himself understood from the ports of Brazil or Portugal to Macao or Nagasaki --and in Cape Town too-- until far into the 18th century, and even at the beginning of the 19th century” (1966, 56); e ‘esta unidade básica’, chamada por ele também ‘português baixo’, como vimos acima, “originated on the coasts of West Africa in the second half of the 15th century

and is also called the Portuguese *língua franca*. It spread to both the West Indies and the East Indies” (1966, 241).

E efectivamente, em vista das várias coincidências entre as línguas crioulas ocidentais que tiveram como base uma forma daquele “foreigner talk” português (pidginizado), como são por exemplo os crioulos da Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé, Ano Bom, e o papiamento (das Antilhas Holandesas), Sranan Tongo, Saramacano Tongo (do Suriname) e palenquero de San Basílio (Colombia), em cujos processos de formação intervieram crioulos da Africa como o cabo-verdiano e a “língua de São Thomé” (Meggenney 1985; e Martinus 1996), e uma série de línguas crioulas orientais, com base portuguesa, como as da Índia, Ceilão, Bombaim, Málaca, Macau e Batávia, não parece arriscado supor que, durante a expansão do seu império no Oriente, os portugueses se servissem de alguma forma daquele veículo comunicativo.

O primeiro crioulista, que eu saiba, que de uma maneira sistemática forneceu elementos para fundamentar esta tese foi Ian Hancock, mostrando que estas línguas crioulas, em geral, compartilham as partículas temporais/aspectuais *ta* (aspecto durativo/habitual), *ja* (passado) e *lo* (futuro), a preposição locativa *na* (do port. *em a*) e a conjunção disjuntiva *ma* (do port. *mas*) [Hancock 1975, 220-222]:

	<i>ta</i>	<i>ja</i>	<i>lo</i>	<i>na</i>	<i>ma</i>
Papia Kristang (Malaca)	+	+	+;logo	+	+
Macau	+	+	+;logo	+	+
Java (Batávia)	+	+	+;logo	+	+
Ceylão	te	+	+	+	+
Bombaim	+	+	-	+	+
Ano Bom	+;(sa)	za	-	+	-
São Tomé	+;(sa)	+	-	+	-
Guiné-Bissau	+;(na)	+	-	+	+
Cabo Verde	+	+	-	+	+
Saramacano Tongo ⁴	+	-	-	+	+
Papiamento ⁵	+	-	+	+	+

⁴ Sobre o origem português do saramacano (e do ‘sranan tongo’), veja-se Jan Voorhoeve (1973).

⁵ Para a exposição mais recente da teoria da influência de algumas línguas crioulas africanas com base portuguesa no processo de formação do papiamento, veja-se Martinus (1996).

Outras coincidências são:

- o verbo *papia* (falar, conversar; do port. *papiar*) existe não só nas línguas crioulas de Guiné-Bissau, São Tomé, Cabo Verde e Antilhas Holandesas (papiamento), senão também nas de Macau, Málaca (*Papia Kristang*) [Maurer 1986, 147, nota 18].

- o verbo *bai* (terceira pessoa do presente do indicativo, ou imperativo singular de *ir*) usa-se nas línguas crioulas de Guiné-Bissau (Bartelds 1990, passim)⁶, Antilhas Holandesas, no palenquero de São Basílio (Megenny 1985, 167), e também nas de Mangalor e Málaca (cf. Leite de Vasconcelos 1901, 171 e 183).

- a preposição *riba* [*di*], com o significado de *acima de*, não só se regista em Guiné-Bissau: *avion de Lisboa ta bua riba de mar* (o avião de Lisboa voa acima do mar) [Bartelds 1990, 47], e nas Antilhas Holandesas: *su sombré ta riba mesa* (o chapéu dele está acima da mesa), senão também em Sri Lanka: *Eau tanda Bengal/Riva de gammala* (estou a caminho de Bengala/acima dum camelo) [Jackson 1987, 39], e no malaio-português: *botta illoter soea tjapeo riba de illoter soea cabessa*⁷ (eles põem-se o chapéu; lit.: eles põem seu chapéu acima de eles sua cabeça) [Teensma 1986, 107].

- o emprego impessoal das formas *ten* [tɛn], *tin* [ti], *teeng* [ten] (do port. *tem*) está documentado nos crioulos de Cabo Verde (Maduro 1987, 9), Guiné-Bissau (Bartelds 1990, 15), no palenquero de São Basílio (Megenny 1985, 167) e no papiamento. Também manifestou-se no indo-português (apud Nascentes 1922, 77) e no malaio-português de Batávia (Teensma 1986, 105):

“*Na crioulo di Cabo Berde ca ten ‘bos’ ou ‘abos’ pa ‘vos’ di português*” (no crioulo de Cabo Verde não há ‘bos’ ou ‘abos’ no lugar de ‘vos’ do português) [Maduro 1987, 9];

“*Se iagu ka teng ba*” (Se não houver água) [Bartelds 1990, 15];

[*ay tɛn ɛso no*] (ali não há isso) [Megenny 1985, 167];

“*tin hende ku*” (papiamento; há gente que);

⁶ Em São Tomé, Príncipe e Ano Bom *ba* (apud Valkhoff 1966, 106).

⁷ Este exemplo tomei-o de uma narração que figura no *Nieuwe woordenschat uyt het Nederduitsch in het gemene Maleidsch en Portugeesch, zeer gemakkelyk voor die eerst op Batavia komen* (Novo vocabulário do neerlandês ao malaio comum e português, muito fácil para os que chegam a Batávia pela primeira vez). Te Batavia, by Lodewyk Dominicus, Stads-Drukker op de Tygers-Gragt, aan de West-Zyde, 1780. Convém saber que a ortografia é a holandesa. A narração foi analisada por B. Teensma (1986).

“*tem um hom’ que por ell noite e di nu tem sucego*” (há um homem que noite e dia não tem sossego) [apud Nascentes 1922, 77];

“*koema alla teeng*” (como há ali) [Teensma 1986, 105].

Hesseling (1933, 274) derivou a forma *tin* do papiamento do espanhol *tener*, porque, baseando-se em Dunn (1928, 83 e segs.), no português de Portugal não se usa a forma *tem* em lugar de *há*, com excepção da expressão *tem dias que*. Segundo Valkhoff (1966, 135-136) “it is evident that the starting-point of this new construction is to be found in popular Portuguese, where *tem* (from *ter*, to have) has more and more taken over the role of *há* (there is)”, embora não fundamente estas palavras com exemplos. Com respeito ao uso impessoal da forma [ten] no palenquero de São Basílio, Megenney (1983, 559-562), depois de chamar a atenção ao facto de que no espanhol e português do período clássico os verbos *tener* e *ter* invadiram as acepções reservadas para respectivamente *haber* e *haver*, aceita que no palenquero se trata de influência do português, embora também não dê exemplos do emprego impessoal do verbo *ter* por *haver* no português dos séculos XVI-XVII.

Contudo, resulta que este emprego era muito usual na língua oral daqueles tempos, como mostrou Francisco da Silveira Bueno (1955, 207) com exemplos tomados de Fernão Mendes Pinto, João de Barros, Diogo do Couto e outros:

“Nos matos da costa *tem* muito pau brasil [...], e *tem* mais muita cera, mel e assucar” (Fernão Mendes Pinto - *Peregrinação* - II - 79); [...] “Apenas *tem* quinhentos homens naquella fortaleza” (J. Freire); [...] “e lá dentro *tinha* muitos jardins” (J. de Barros - *Clar.* III -9); [...] “porque disseram os officiais que ainda *tinha* tempo” (D. do Couto - *Vida de D.Paulo* - pg. 20); [...] “e no rosto d’elle (do cabo Nam) *tem* dous ilhéos” (Esmeraldo, 67). Nascentes (1922, 77) cita um exemplo na *Arte de furtar*: “A um Mestre de Lisboa ouvi dizer que bastava numa Camara tres vereadores e *tinha* sete”. Neste contexto é interessante notar que António José Saraiva e Oscar Lopes (1976, 319 e 583) sublinham os recursos expressivos da ‘linguagem oral’ em Fernão Mendes Pinto e na *Arte de furtar*.

- a frase subordinada completiva introduzida por *pa* (<- para), partícula que expressa ‘finalidade’, usa-se nos crioulos de Guiné-Bissau (*se patron fala pa no kontinua i sta bon* [se o chefe diz que nós fiquemos, está bem]) [Bartelds 1990, 15]; de Cabo Verde (*en ta pidi bo pa bo escreben un carta na crioulo* [peço-te que me escrevas uma carta em crioulo]) [Maduro 1987, 12]; das Antilhas Holandesas (*mi ta desea pa bo bini* [desejo que

venhas]; do palenquero de São Basílio, Colombia (*i ablá ele pa ele nda mi dinero* [eu pedi-lhe que me desse dinheiro]) [Megenny 1983, 556]⁸. E o que é interessante no nosso contexto é que esta construção também se encontra no crioulo indo-português de Corlai, segundo me comunicou o doutor Laurentiu Theban, da Universidade de Bucareste.

A construção em questão é muito parecida com a do infinitivo pessoal do português: *eles pediram para ele fazê-lo*. Contudo, que eu saiba, esta construção, em lugar de ‘que + subjuntivo’ (eles pediram que ele o fizesse), só se pode usar em português após uns poucos verbos como *pedir* e *dizer* (no sentido de *mandar*). No “trade pidgin” português provavelmente usava-se esta construção com *para* (-> *pa*) de uma maneira menos restritiva, ou seja, também após verbos que expressam um desejo, um requerimento, uma proibição, um conselho etc.

- a paráfrase do genitivo do pronome pessoal e do substantivo mediante o pronome possessivo da terceira pessoa *si/su* regista-se no crioulo de Guiné-Bissau (*i si karro* [*ele seu carro -> o carro dele]) [Bartelds 1990, 33]; no crioulo cabo-verdiano (*Paulo si bida* [a vida do Paulo]) [Maduro 1987, 10]; e no papiamento (*e homber su buki* [o livro do homem]). Leite de Vasconcelos (1901, 173, 178 e 183) menciona esta construção para os crioulos de Cochim, Ceilão e Málaca (*minha pai sua livro* [o livro do meu pai]); Valkhoff (1966, 229) e Schuchardt (1891, 215 e segs.) para o malaio-português (*mundu su/suwa pobes* [os povos do mundo]); e Baxter (1990, 14) para o crioulo de Timor do Leste (*Antonio sua bufalo* [o búfalo de António]). Schuchardt e Baxter atribuem a presença desta construção em várias línguas crioulas indo-portuguesas a influências sustratísticas e adstratísticas; e com respeito ao papiamento, Wood (1970, 65) e Birmingham (1970, 65) argumentam que se trata de uma influência da construção holandesa *de man zijn / z'n boek* (*o homem seu livro -> o livro do homem). Esta construção manifesta-se também no sul-africano, em línguas africanas do Níger-Congo, e em Twi e Ewe; além disso, regista-se no inglês dos séculos XV a XVIII. Por isso é que adverte Holm que esta construção “has so many possible models in the languages of Europe, Asia, and Africa that its presence in the creoles must be attributed to the converging influence of superstrate, substrate, diffusion, and language universals” (Holm 1988, 199). Ora bem, em vista da existência desta construção numa série de línguas crioulas com base portu-
gue-

⁸ Segundo Megenny (1983, 563) este palenque de São Basílio “es sobreviviente, aunque ya relexificada y reestructurada, de ese lenguaje pidgin-criollo original nacido por el contacto entre portugueses y africanos en el siglo XV”.

sa, não se pode descartar a possibilidade de que a presença dela nos crioulos que acabamos de mencionar se deva ao facto de ela formar parte do “trade pidgin” português, essa “língua franca” portuguesa, falada ao longo das costas de África, Brasil, Índia, Málaca, China e Java. Em vários crioulos esta construção foi reforçada pela existência da mesma construção nas línguas de substrato e adstrato.

BIBLIOGRAFIA

- BARTELDS, Br. (1990), *Creolo voor Nederlanders in Guinee Bissau*, Bissau.
- BAXTER, Alan N. (1990), “Notes on the Creole Portuguese of Bidau, East Timor”, *Journal of Pidgin and Creole Languages* 5, 1-38.
- BIRMINGHAM, J. (1970), *The Papiamentu Language of Curaçao*, Ann Arbor, Michigan: University Microfilms, Inc.
- CLEMENTS, J. Clancy (1992), “Foreigner talk and the origins of pidgin Portuguese”, *Journal of Pidgins and Creole Languages*, 7, 75-92.
- D’ANS, André-Marcel (1968), *Le créole français d’Haïti*, The Hague-Paris: Mouton.
- DA SILVEIRA BUENO, Francisco (1955), *A Formação Histórica da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.
- DILLARD, J. (1979), “Creole English and Creole Portuguese: the early records”, en: *Readings in Creole Studies*. Edited by Ian Hancock et alt., Ghent: E.Story-Scientia, 261-268.
- DUNN, J. (1928), *A grammar of the Portuguese Language*, Washington.
- FERGUSON, Charles A. (1971), “Absence of copula and the notion of simplicity. A study of normal speech, baby talk, foreigner talk, and pidgins”, en: *Pidginization and creolization of languages*. Edited by Dell Hymes, Cambridge: University Press, 141-150.
- FRANKEN, J.L.M. (1953), *Taalhistoriese Bydraes*, Amsterdam, Kaapstad.
- GIESE, W. (1932), “Notas sobre a fala dos negros em Lisboa no Princípio do Século XVI”, *Revista Lusitana* 30, 251-257.
- GOODMAN, Morris (1987), “Pidgin origins reconsidered”, *Journal of Pidgin and Creole Languages* 2, 149-162.
- GRANDA, Germán de (1970), “On the Study of the Creole Dialects in Spanish-Speaking Areas”, *Orbis* 19, 72-81.

- GRANDA, Germán de (1978), *Estudios lingüísticos hispánicos, afrohispanicos y criollos*, Madrid: Gredos.
- HANCOCK, I. (1971, "A survey of the pidgins and creoles of the world", em: *Pidginization and Creolization of Languages*, Proceedings of a conference held at the University of the West Indies, Mona, Jamaica, April 1968, Dell Hymes (ed.), Cambridge: University Press.
- HANCOCK, I. (1975), "Malacca Creole Portuguese: Asian, African or European", *Anthropological Linguistics* 17, 211-236.
- HESSELING, D.C. (1933), "Papiaments en Negerhollands", *Tijdschrift voor Nederlandsche Taal-en Letterkunde*, 52, 265-288.
- HINNENKAMP, Volker (1984), "Eye-witnessing pidginization? Structural and sociolinguistic aspects of German and Turkish foreigner talk", em: *Papers from the York Creole Conference*, September 24-27, 1983, ed. by Mark Sebba and Loreto Todd, York: Department of Language, University of York.
- HOLM, John (1988), *Pidgins and Creoles*. Volume I, Theory and Structure, Cambridge: Cambridge University Press.
- JACKSON, Kenneth David (1987), "Canta sen vargonya: Portuguese Creole Verse in Sri Lanka", *Journal of Pidgin and Creole Languages* 2, 31-48.
- KERKHOF, M. (1985/1988), "A origem do 'papiamento', a língua crioula das Antilhas Holandesas, Curaçau, Aruba e Bonaire", en: *Os Portugueses e o Mundo, Conferência Internacional (junho 1985)*, vol. III, *Língua Portuguesa*, Porto, 43-56.
- LEITE DE VASCONCELOS, J. (1901), *Esquisse d'une dialectologie portugaise*, Paris-Lisboa: Aillaud & Cie.
- LOPES, David (1936), *A expansão da língua portuguesa no Oriente nos séculos XVI, XVII e XVIII*, Barcelos: Portucalense Editora.
- MADURO, A. (1987), *Kaboberdiano i Papiamentu*, Kòrsou.
- MARTINUS, Frank Efraim (1996), *The Kiss of a Slave. Papiamentu's West-African Connections*, tese de doutoramento, Amsterdam.
- MAURER, Ph. (1986), "El origen del papiamento. Desde el punto de vista de sus tiempos gramaticales", *Neue Romania* 4, 129-149.
- MEGENNEY, William W. (1983), "La influencia del portugués en el palenquero colombiano", *Thesaurus* 28, 548-563.
- MEGENNEY, William W. (1985), "La influencia criollo-portuguesa en el español caribeño", *Anuario de Lingüística Hispánica* 1, 157-179.

- MÜHLHÄUSLER, Peter (1986), *Pidgin and creole linguistics*, Oxford: Basil Blackwell.
- NARO, A. (1978), "A study on the origins of pidginization", *Language*, 54, 314-347.
- NASCENTES, Antenor (1922), *O Linguajar Carioca em 1922*, Rio de Janeiro: Sússekind de Mendonça & Comp.
- PERL, Matthias (1990), "A Reevaluation of the Importance of Early Pidgin/Creole Portuguese", *Journal of Pidgin and Creole Languages*, 5, 125-130.
- SANTOS DOMÍNGUEZ, Luis Antonio (1986), "Conexiones entre la língua franca mediterránea y el criollo português: a propósito de *taybo* y *marfuz*", *Anuario de Lingüística Hispánica* II, 221-227.
- SARAIVA, António José, e Oscar Lopes (1976), *História da literatura portuguesa*, 9a ed., Porto.
- SCHUCHARDT, H. (1891), *Kreolische Studien XII. XI: Über das Malaioportugiesische von Batavia und Tugu*, Viena: *Sitzungsberichte der Kaiserlichen Akademie der Wissenschaften in Wien, Philosophisch-Historische Classe*, Band CXXII.
- TEENSMA, B. N. (1986), "De Eed op het Kerkhof. Een Maleis-Portugees verhaal uit 1780", *Indische Letteren* (Leiden) I, 101-117.
- VALKHOFF, M. (1966), *Studies in Portuguese and Creole*, Johannesburg: Witwatersrand University Press.
- VALKHOFF, M. (1966), "Katolieke en Portugees aan die Kaap". Oorgedruk uit *Smal swaard en blink*, bundel aangebied aan N. P. van Wijk Louw bij geleentheid van sy sestigste verjaardag, Pretoria en Kaapstad: H. en R. Academica.
- VOORHOEVE, Jan (1973), "Historical and linguistic evidence in favour of the relexification theory in the formation of creoles", *Language in Society*, 2, 133-145.
- WEKKER, H. Chr., *Over de analogie tussen creoliseren en vreemde-taalverwerving*, Rede/Groningen, 1989.
- WHINNOM, Keith (1965), "Origin of the European-based creoles and pidgins", *Orbis*, 14, 509-527.
- WILSON, W. A. A. (1962), *The crioulo of Guiné*, Johannesburg: Witwatersrand University Press.
- WOOD, R. (1970), *Papiamentu: Dutch Contributions*, Ann Arbor, Michigan: University Microfilms, Inc.
- WIJK, H.L. van (1958), "Orígenes y evolución del Papiamentu", *Neophilologus*, 42, 169-182.